

# Culturas Juvenis e Escola: Olhares Docentes

Lucas Carboni Vieira (Bolsista IC - UFRGS) - luccas.finn@gmail.com  
Dóris Maria Luzzardi Fiss (Orientadora - UFRGS) - fiss.doris@gmail.com

## INTRODUÇÃO

**P**esquisa vinculada ao plano de trabalho de bolsista IC "Escola e juventude: o que dizem os professores?" (2014-2015)

## QUESTÃO DE PESQUISA

**N**a sua prática docente, você pensa na carga cultural que o jovem traz para sala de aula? Se sim, como você trabalha isto? Se não, por quê?

## REVELÂNCIA

**R**efletir sobre o espaço das culturas juvenis e como elas são consideradas (ou não) pelo/no espaço escolar na busca de um fazer educativo mais significativo para as/os estudantes

## OBJETIVOS

**C**ompreender as relações constituídas, ou não, entre o trabalho docente e as culturas juvenis desde a análise de formulações de professores da educação básica.

## METODOLOGIA

**O** corpus desta pesquisa compõe-se de entrevistas realizadas no segundo semestre de 2013 por licenciandos de diversos cursos (Pedagogia, Ciências Sociais, História, Geografia, Química, Matemática, Biologia, Letras e Dança) como parte das atividades de formação na disciplina *Educação Contemporânea: didática, currículo e planejamento* (FACED-UFRGS). Realizaram-se entrevistas semiestruturadas com 46 professoras e professores da educação básica (rede pública municipal e estadual e rede privada) de Porto Alegre e da Região Metropolitana (Rio Grande do Sul, Brasil). A Análise de Discurso francesa fundada por Michel Pêcheux contribuiu para o trabalho de interpretação das formulações dos docentes e de evidência de sentidos associados ao funcionamento discursivo parafrástico e polissêmico.

## SENTIDOS SURPREENDIDOS - RESULTADOS

### Sentido de Sujeito Sociocultural

**O** jovem é visto para além de uma compreensão homogeneizadora/universal de aluno, suas experiências, vivências e expectativas, seus sonhos não são borrados. Quando ocorre o (re)conhecimento das culturas juvenis por parte do professor também ocorre uma modificação na relação entre docentes e discentes, aproximando-os.

### Sentido de Conhecimento-Como-Regulação

**O** professor é o epicentro do saber. É ele quem chancela os conhecimentos válidos no espaço escolar, permitindo-se considerar ou não as experiências dos jovens. Segundo o paradigma dominante, assim como é pensado por Boaventura de Sousa Santos, a relação se estabelece entre os que tudo sabem (as/os docentes) e os que nada sabem (as/os discentes).

### Sentido de Sensocomunicação

**E**stabelece-se parceria entre os conteúdos escolares (conhecimento científico) e as culturas juvenis (senso comum), que se aliam. O docente acolhe a aproximação e a interpenetração destes saberes que, atravessando-se, reconstituem-se em relação outra de igualdade de valor. Há uma ressignificação das vivências escolares e não escolares sobre outro prisma: o da ciência acadêmica que não se impõe sobre os saberes culturais dos jovens.

### Sentido de Estranhamento

**R**evela-se o tensionamento entre a cultura dos docentes e a cultura dos alunos. Constituídos de formas diferentes, as/os professoras/es (sujeitos adultos) nem sempre compreendem como as/os alunas/os (sujeitos jovens) vivem e produzem sentidos. O professor, enquanto adulto, cumpre o papel de sedimentação da cultura, a fim de preservá-la; o aluno, enquanto jovem, busca romper com os sentidos produzidos. Apesar da relação tensa que se estabelece, o estranhamento docente manifesta-se sob duas formas diversas: um "olhar intransigente", que se conflita com os modos de ser jovem na contemporaneidade, e um "olhar líquido", que busca compreender particularidades e diferenças.

## CONCLUSÃO

**O**s docentes oscilam entre posturas conservadoras e posturas de renovação. O fazer pedagógico é, por isso, "líquido" e "intervalar", flutuando entre os sentidos de sujeito sociocultural, conhecimento-come-regulação, sensocomunicação e de estranhamento.



Entender como o sujeito docente se relaciona com o sujeito aluno e como o enxerga.

Evidenciar movimentos parafrásticos e polissêmicos no fio do discurso pedagógico.

Problematizar o espaço ocupado pelas culturas juvenis no planejamento dos professores.

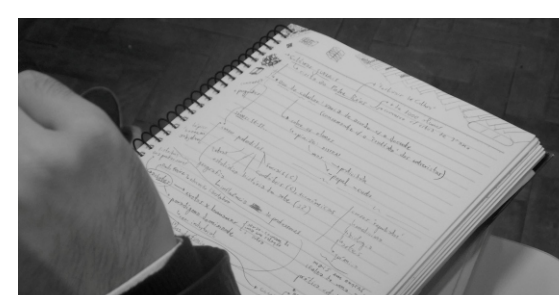
## VOZES EM DIÁLOGO - REFERENCIAIS

**J**uarez Dayrell, Paulo Carrano, Carlos Henrique Martins e Geraldo Leão tratam da abordagem das juventudes nos espaços escolares, considerando as múltiplas possibilidades do sentido de ser jovem e ser escola.

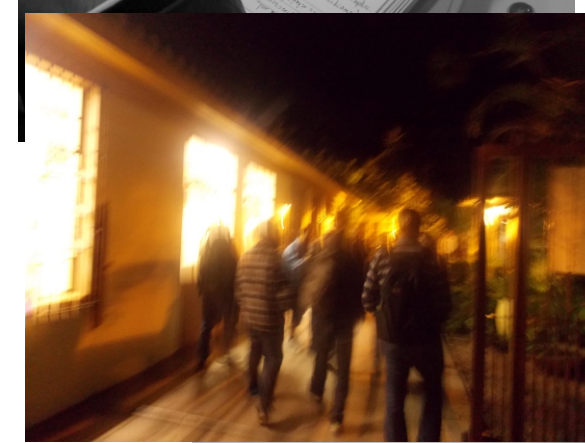
**B**oaventura de Sousa Santos, Michael Apple e Tomaz Tadeu da Silva discorrem acerca de questões vinculadas ao currículo e ao conhecimento.

**Z**ygmunt Bauman e Angelina Peralva instigam à reflexão sobre a conjuntura da contemporaneidade e as leituras do jovem nesse contexto.

**M**ichel Pêcheux e Eni Orlandi, através da Análise de Discurso, destacam a não transparência da linguagem, desafiando a surpreender como os textos significam. Observa-se, nesta análise, o jogo entre a sustentação dos sentidos - paráfrase - e a sua renovação - polissemia -, relação essencial para a produção de sentidos.



**"[...] tem-se que considerar que o aluno passa apenas 4 horas das 24 horas diárias na escola, e o que se vive nesse tempo todo não pode ser ignorado ou deixado pra trás quando se entra em uma sala de aula."**



*"[...] isso [utilizar em aula a carga cultural] é legal, eles se aproximam mais de nós professores, se sentem valorizados e demonstram carinho"*

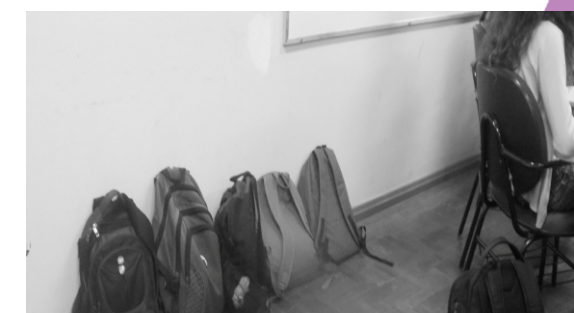


*"Eu diria que pra juventude atual é tudo muito esperso, ela não tem muita noção de tempo, de um todo. [...] uma coisa que me incomoda, escutar uma música de um, uma música de outro, aí fica uma miscelânea de músicas, e eles nunca têm uma ideia do todo, do conjunto. Não sei se é boa ou ruim, mas é uma coisa que pra mim causa estranhamento"*

**Cada aluno, às vezes cada aluno, individualmente, eles são diferentes e tem que considerar isso... ah. Eu conheço muitos professores que não fazem isso e... e acaba perdendo pra todos os lados, porque o professor fica frustrado porque os alunos não fazem o que ele pede, o aluno fica frustrado porque o professor não leva em consideração o que ele traz e...ninguém aprende nada.**

**"EVIDENTEMENTE. ISTO DEVE SER TRABALHADO DE FORMA NÃO APENAS RESPEITOSA, MAS TAMBÉM PROBLEMATIZADORA, NO SENTIDO DE PROCURAR COMPREENDER COMO A BAGAGEM CULTURAL PRÉVIA DE CADA UM DOS ALUNOS RELACIONA-SE COM A DICOTOMIA CLASSISTA DE NOSSA SOCIEDADE"**

**"Às vezes penso [na carga cultural do aluno] e outras vezes acho irrelevante. Quando acho que é proveitoso, busco explorar essa bagagem de maneira simples."**



## REFERÊNCIAS

- APPLE, Michael W. Educação e poder. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.  
APPLE, Michael W. Ideologia e currículo. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2006.  
APPLE, Michael W. Repensando ideologia e currículo. In: MOREIRA, Antônio Flávio e SILVA, Tomaz Tadeu da (orgs.). Currículo, cultura e sociedade. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005.  
BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.  
BAUMAN, Zygmunt. Sobre educação e juventude: conversas com Ricardo Mazzeo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.  
BHABHA, Homi. O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.  
CARRANO, Paulo C. R. & MARTINS, Carlos H. S. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. Revista Educação (UFPA), v. 36, n. 1, jan/abr. 2011, p. 14-24.  
DAYRELL, J.A. Escola como espaço sócio-cultural. In: \_\_\_\_\_ (org.) Múltiplos Olhares sobre educação e cultura. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.  
LEÃO, Geraldo. Entre sonhos e projetos de jovens, a escola. In: DAYRELL, Juarez; MOREIRA, Maria Ignez Costa; STENGEL, Márcia (Orgs.). Juventudes Contemporâneas: um mosaico de possibilidades. Belo Horizonte: Editora PUC, 2011.  
ORLANDI, E. P. As formas do silêncio no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2007.  
ORLANDI, E. P. Discurso e leitura. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2006.  
SANTOS, Boaventura de Sousa. Conhecimento prudente para uma vida decente: "Um Discurso sobre as Ciências" revisitado. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.  
SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma pedagogia do conflito. In: SILVA, Luiz Heron da et al. (orgs.). Novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais. Porto Alegre: Sulina, 1996. p. 15-33.  
SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.  
SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. Estudos Avançados, São Paulo, v. 2, n. 2, Aug. 1988. Available from: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141988000200007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141988000200007). Acesso em 01 Mar. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S010340141988000200007>.